

## **Autoridade e mal-estar: considerações a respeito do ser e do fazer docente contemporâneo<sup>1</sup>**

**Emanuel dos Santos<sup>2</sup>, Patrícia Feiten Pinto<sup>3</sup>, Emanuel dos Santos<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Escrito desenvolvido a partir da inserção e interesse dos discentes no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Educação nas ciências da UNIJUI.

<sup>2</sup> Mestrando em Educação nas Ciências UNIJUI, e-mail [emanuel.santos@sou.unijui.edu.br](mailto:emanuel.santos@sou.unijui.edu.br). Bolsista CAPES

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação nas Ciências UNIJUI, e-mail [patricia.feiten@sou.unijui.edu.br](mailto:patricia.feiten@sou.unijui.edu.br). Bolsista CAPES

<sup>4</sup> Mestrando em Educação nas Ciências, e-mail [luiz.amaral@sou.unijui.edu.br](mailto:luiz.amaral@sou.unijui.edu.br). Bolsista CAPES

### **INTRODUÇÃO**

A corrente psicanalítica, enquanto uma abordagem clínica e teórica, fundada por Sigmund Freud no século XIX, possibilita um entendimento significativo a respeito da psique humana. Desse modo, considerando sua potência em estabelecer linhas de raciocínio a respeito do ser humano é que a psicanálise tratou de trabalhar a respeito dos conceitos de autoridade e mal-estar. Referente ao primeiro, a autoridade configura-se como um elemento “[...] fundamental na estruturação das relações sociais, pois é norteadora da dimensão simbólica” (Pinto; Vieira; Santos, 2021 p. 3). Já referente ao segundo, o mal-estar de acordo com Freud (1930), pode ser compreendido como um elemento intrínseco à existência humana. Por essa razão, analisando o contexto contemporâneo, sobretudo, no que tange ao contexto docente, é que o presente trabalho tem como objetivo traçar uma linha de raciocínio a respeito da autoridade docente, elencando, também, a própria condição de mal-estar. Isso ocorre, uma vez que torna-se possível observar que atualmente são inúmeros os relatos de professores queixosos ou até mesmo infelizes enquanto profissionais da educação. Assim, o trabalho também configura-se como um esforço de promover reflexões a respeito da ODS - 4 educação de qualidade da ONU.

### **METODOLOGIA**

Esse estudo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, com aporte crítico-hermenêutico no que se refere à leitura, interpretação e sistematização dos textos e obras. Teoricamente, a pesquisa se ancora em autores da tradição filosófica e no discurso de base freudiana. Os esforços compreensivos aqui empreendidos se deram a partir

de leituras de textos pertinentes ao tema, sempre no intuito de identificar e refletir sobre as possíveis contribuições da filosofia e da teoria psicanalítica para pensar os problemas educacionais. Problemas, estes, relativos ao mal-estar gerado no exercício da autoridade e da acolhida dos novos na cultura. Nesse texto, em especial, buscou-se trabalhar os impasses do mal-estar na autoridade adulta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nenhum ser humano nasce pronto, portanto necessita ser acolhido por aqueles que já estão inseridos no legado da tradição. Além da base familiar, a educação provida do campo escolar também consagra-se como um cuidado amplamente necessário para a formação humana. Por isso, educar é um exercício de cuidado com os novos que chegam ao mundo, uma vez que cada geração que nasce é uma nova possibilidade de reafirmar a transmissão da cultura, dos códigos e dos firmamentos. Nesse sentido, a sociedade contemporânea carece de uma autoridade que reafirme seu compromisso com os velhos, que são “o fio que nos guiou com segurança através dos vastos domínios do passado; esse fio, porém, foi também a cadeia que aguilhou cada sucessiva geração a um aspecto predeterminado do passado (Arendt, 2009[1905-1975], p. 130). Em outras palavras, a autoridade é um pilar presente na educação humana, sendo enunciada por aqueles que já têm uma experiência de mundo e ajudaram na construção dos pilares da tradição: os pais, os professores e os cuidadores.

Por essa razão, a autoridade é um elo que liga velhos e novos, professores e alunos, o passado e o futuro. Essas ligações são indispensáveis na manutenção da cultura. Arendt (2009[1905-1975]), reflete o conceito de autoridade como uma pedra angular que assenta toda tradição humana. Segundo, a filósofa um adulto se permite educar uma criança pela sua experiência com seus antecessores. Nessa perspectiva, Carvalho (2017), argumenta que o incessante fluxo de recém-chegados ao mundo é, também, uma renovação de votos dos adultos com os antigos, ou seja, é o momento, no qual se renova os cuidados com o passado.

Renault (2004), apresenta o passado como algo transmitido, nesta via, o autor refere que cada geração busca no passado referências para trilhar e reconstruir seus lugares na sociedade. Arendt (2009[1905-1975]), ao falar da tradição e do passado, vai trazer a recordação como memória da existência humana. Desta maneira, a transmissão da autoridade se coloca como uma memória, na qual cada educador evoca para firmar seu lugar. A evocação

da autoridade é um retorno ao passado, onde, cada educador se utiliza da transmissão de seus ancestrais para educar os novos. Arendt (2009[1905-1975]), destaca que o passado não pode ser colocado em esquecimento, uma vez que cada fio tecido na história da humanidade precisa ser contado e recontado, afinal, os fios tecidos pelos adultos necessitam ser incrementados com novos acontecimentos, novas vivências, mas nunca esquecendo dos que chegaram antes.

Para contextualizar a crise da autoridade na educação, é importante resgatar os escritos de Freud. Ao realizar uma análise da sociedade, Freud ao longo dos seus estudos e escritos identificou um excesso de repressão moral e o resultado disso foi a intensificação ou até mesmo o marco para o início das sintomatologias neuróticas. Em outras palavras, os sujeitos daquela época conviviam com as consequências de um excesso de autoridade. A questão é que para Voltolini (2011) o que acontece na contemporaneidade é o contrário. A autoridade está em crise porque os adultos estão com dificuldade de impor limites às novas gerações. Parece que os adultos de hoje estão com medo de que os limites produzam frustrações nas novas gerações. O que se busca é proporcionar um ambiente que produza mais felicidade e bem estar. Porém, isso dá lugar a uma crise da autoridade e uma desorientação.

Considerando então, que no contexto contemporâneo, a autoridade está em crise é que o elemento do mal-estar entra em cena. No entanto, torna-se necessário esclarecer alguns pontos importantes a respeito dessa concepção atrelada ao campo psicanalítico. De forma geral, Freud (1930), compreende o mal-estar como uma força que provém da própria civilização, como uma espécie de repressão que organiza a vida humana em civilidade. Por essa razão, se a restrição do sentimento de felicidade ou da plenitude diz respeito à própria constituição humana, o mal-estar apresenta-se como ameaça a partir de três lados. Sendo, do próprio corpo, do mundo externo e das relações com os outros seres humanos (FREUD 2010/1930)

Ademais, o mal-estar é “modelado por linhas de forças que são temporais e histórias, de forma que em decorrência disso o mal-estar como problemática deve ser necessariamente inscrito nas ordens do tempo e da história, nas quais o sujeito se inscreve” (Birman, 2019, p.323). Nessa linha de reflexão, o mal-estar acompanha a cultura e as subjetividades, estando presente de uma forma ou outra ao longo de toda a existência de cada um. Isso porque, conforme Freud (2010/1930), a cultura, ao mesmo tempo em que acolhe cada novo humano, é

responsável pela maior fonte de mal-estar na medida em que todos os humanos precisam renunciar um pouco de sua liberdade em nome do bem comum e da convivência social.

Considerando que o docente é um sujeito acometido pelos efeitos civilizatórios, logo, também porta em si a condição de mal-estar. No caso, o que entra em cena não é um figura adocida sem possibilidade de cura, mas um sujeito que escolheu ocupar o lugar de profissional da educação e necessita, desse modo, assumir a responsabilidade pela formação humana. Zaragoza (1999), traçou alguns caminhos no que diz respeito ao desdobramento do mal-estar no sujeito docente, sendo o abandono docente (literalmente desistência profissional), absentismo (afastamento por vias legais como atestados) e o adoecimento.

Por se tratar de um condição subjetiva o dilema central sempre se refere na ação que o docente utiliza para dar conta da sua própria condição de mal-estar. Desse modo, se alguns enfrentam as adversidades oferecendo um trabalho responsável pelo sujeito, do outro torna-se possível encontrar aqueles que não se identificam mais com quaisquer responsabilidades éticas do seu fazer. É por esse viés, que compreendemos que o ato da autoridade também entra em colapso, uma vez que, a autoridade demanda uma identificação do lugar em que se fala, no caso docente, como aquele que veio antes. A partir disso, o fazer docente diante do mal-estar constitucional refere-se a um lugar onde o educador

Tem ciência de que os resultados educacionais não podem ser garantidos de antemão e, apesar disso, não abandona a causa educativa. Admite não haver manual possível que dê conta do caráter contingencial de uma aula, em outros termos, do encontro com uma alteridade. Sem desconhecer a importância incontestada de todos os estudos e cursos que já realizou, do quanto se preparou e planejou para estar diante de seus alunos, sabe que uma aula é sempre única, imprevisível e irrepetível [...] Sabe também que o outro é um ser insondável, que a pluralidade dos sujeitos e os modos singulares como recebem e reelaboram cada investimento educativo tornam a relação pedagógica não linear. Admite haver, nela, mal-entendidos, polissemias, ambivalências, equívocos, desencontros, tensões, contradizendo certos discursos pedagógicos que operam dentro de uma lógica obsessiva de tudo ter que classificar, listar, nominar, definir, prever, programar (Cossetin, 2022, p.158).

Significa considerar que a condição de finitude do sujeito o coloca em um lugar de abertura e de construção e que qualquer manual ou tradição pedagógica, por mais que seja a perspectiva primeira para orientar o ensino, não dá conta de tudo. E, apesar disso, educar vale a pena na medida em que a continuidade do mundo humano depende da educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Visto que esse estudo teve como objetivo entender sobre a crise da autoridade docente, considerando a própria condição de mal-estar civilizacional, conclui-se que a dimensão e o atravessamento desses conceitos na vida de cada sujeito é simbólica e constitucional na medida em que as proibições e a lei - autoridade- é o que sinaliza a possibilidade dos sujeitos conviverem em sociedade, porém, ao mesmo tempo, isso causa frustrações –mal-estar-, já que o sujeito precisa abrir mão de parte de sua liberdade em nome da coletividade. Como foi visto nesse escrito, mesmo que a educação na contemporaneidade esteja com dificuldade de impor limites às novas gerações, exercer um lugar de autoridade é a primeira perspectiva para educar. A emancipação e a autonomia de cada sujeito vai sendo construída a partir da relação de cada um com a lei.

**Palavras-chave:** Mal-estar. Autoridade .Docente.Educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. O que é autoridade? In: Arendt, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1906-1975).

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade:** a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019.

COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. O professor na sombra do contemporâneo: que lugar é esse? In: JUNIOR, Cesar Augusto; JUNGES, Fábio César; COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. **Festschrift em homenagem a Paulo Rudi Schneider**. Editora UNIJUI: Ijuí, 2022.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARVALHO, José Sérgio da Fonseca. **Educação, uma herança sem testamento:** diálogos com pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2017.

RENAULT, Alain. **O Fim da Autoridade**. Tradução Felipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget: 2004.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ZARAGOZA, José Manuel Esteve. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Baurú, SP: Edusc, 1999.